



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE

**Textos
para Discussão**

Nº 101 - agosto de 2012

PANORAMA DA INDÚSTRIA CEARENSE DE CALÇADOS

Odorico de Moraes Eloy da Costa

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Cid Ferreira Gomes – Governador
Domingos Gomes de Aguiar Filho – Vice Governador

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Eduardo Diogo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral
Adriano Sarquis Bezerra de Menezes – Diretor de Estudos
Econômicos

IPECE TEXTOS PARA DISCUSSÃO - Nº 101

Agosto de 2012

AUTOR

Odorico de Moraes Eloy da Costa

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Valores

Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão

Ser reconhecido nacionalmente como centro de excelência na geração de conhecimento socioeconômico e geográfico até 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG,
2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora
Cambeba
Tel. (85) 3101-3496
CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br - www.ipece.ce.gov.br

Sobre a Série TEXTOS PARA DISCUSSÃO

A Série Textos para Discussão do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) tem como objetivo a divulgação de estudos elaborados ou coordenados por servidores do órgão, que possam contribuir para a discussão de temas de interesse do Estado. As conclusões, metodologia aplicada ou propostas contidas nos textos são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista ou o endosso do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), da Secretaria de Planejamento e Gestão ou do Governo do Estado do Ceará.

NESTA EDIÇÃO

A indústria de calçados vem apresentando nos últimos anos clara tendência de diversificação da produção em vários países produtores, visando, principalmente, à redução dos custos de produção via utilização de mão-de-obra barata em países menos desenvolvidos, o que ensejou o aparecimento de uma nova configuração da produção industrial. Esse movimento provocou a descentralização de operações com a detenção apenas de funções corporativas superiores, com a conseqüente apropriação de montantes mais expressivos do valor gerado nos processos de produção e comercialização das mercadorias, o que permitiu que as empresas exercessem o papel de coordenadoras ou governadoras da cadeia de suprimentos da qual fazem parte.

Assim, acompanhando a conjuntura internacional nos últimos anos, a indústria calçadista nacional tem passado por um processo de realocação regional e, apesar da presença de empresas calçadistas em quase todos os estados brasileiros, esse movimento ocorreu principalmente, em direção aos estados do Nordeste, mais precisamente Ceará, Bahia e Paraíba. Esse deslocamento para outras localidades, no entanto, não minimiza a importância das regiões produtoras tradicionais, visto que se trata de estratégias das grandes empresas do setor para se manterem competitivas no mercado interno e internacional, aproveitando-se de excedentes de mão-de-obra nos estados de destino, como também do forte incentivo fiscal implementado com a finalidade de atrair empresas para a região.

PANORAMA DA INDÚSTRIA CEARENSE DE CALÇADOS

Odorico de Moraes Eloy da Costa¹**1. Introdução**

Desde meados dos anos 1980, a indústria mundial de calçados passa por uma reformulação na organização do trabalho e na produção. Nos países mais desenvolvidos, são incorporados ao processo produtivo novas máquinas e equipamentos, onde os recursos da microeletrônica e informática são estimulados, objetivando aumentar as condições de competitividade com o aumento da sua automação. Uma das inovações mais importantes foi a introdução do sistema CAD/CAM² no setor desenvolvimento do produto e de modelagem técnica (ANDRADE e CORRÊA, 2001).

Uma tendência verificada nos últimos anos, visando a reduzir os custos de produção, tem sido a diversificação da produção, fato que vem principalmente no mercado internacional de calçados, que consiste em confeccionar partes ou todo o cabedal³ em países que possuem baixo custo de produção, principalmente mão-de-obra. A crise do sistema fordista/taylorista, com as conseqüentes modificações promovidas pela reestruturação industrial nos processos organizacionais e produtivos, não foi capaz de eliminar uma peculiaridade marcante na maior parte da indústria mundial de calçados - o uso intensivo de mão-de-obra no processo de produção - principalmente no que diz respeito a calçados de couro, já que a fabricação de injetados utilizarem equipamentos modernos.

De acordo com Costa (1993), uma peculiaridade encontrada na produção de calçados é que este se encontra em aglomerações de empresas localizadas geograficamente em diversos países produtores. Para citar algumas localidades, Guadalajara e Leon no México; em Pusan, na Coréia do Sul; Brenta e Marche, na Itália; e, no caso do Brasil, Rio Grande do Sul, na região do vale dos Sinos, São Paulo, nas cidades de Franca, Jaú e Birigui, Minas Gerais, na cidade de Divinópolis, e Ceará, nas microrregiões de Fortaleza e Cariri. A forma de organização industrial no âmbito internacional, no entanto, não é homogênea, encontrando-se desde estruturas onde há a predominância de pequenas unidades produtivas como as existentes na Itália,

¹ Estatístico, Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Analista de Planejamento e Orçamento da Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG do Governo do Estado do Ceará e atualmente cedido ao Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica do Ceará – IPECE.

² CAD - Computer Aided Design - foi desenvolvido em 1963 por Ivan Sutherland. Consiste num sistema de projeto de uso geral ou específico por meio de computador. CAM – Computer Aided Manufacturing, significa fabricação com o auxílio do computador.

³ Parte do calçado destinado a cobrir a parte superior dos pés é composta por várias peças e reforços, usados ou por uma questão de *design* ou para dar mais proteção e firmeza.

Taiwan e Espanha, até aquelas onde grandes empresas se fazem presentes, como na Coréia do Sul, China e Brasil.

Outra particularidade neste tipo de organização industrial é que as fábricas calçadistas estão concentradas num mesmo espaço geográfico com toda infra-estrutura institucional, educacional e industrial e firmas da mesma cadeia produtiva, tecnológica e de valor, interagindo com a troca de informações e conhecimentos correlacionados sobre como produzir e melhorar a qualidade dos calçados, além de interações freqüentes no plano comercial, tendo como principal motivação coletiva a geração de inovações organizacionais, técnicas e tecnológicas.

1. Características Gerais e Inserção na Cadeia Produtiva Global

A indústria brasileira de calçados tem como principal característica a significativa concentração de suas atividades. Apesar dessa concentração possuir raízes históricas, o processo de fortalecimento de regiões produtoras tradicionais, como resultado do desenvolvimento do setor, contribuiu para aprofundar esse fenômeno, em especial na região conhecida como vale dos Sinos, no Estado do Rio Grande do Sul, e na região de Franca, no Estado de São Paulo. Essas duas regiões se firmaram como as principais produtoras de calçados no Brasil desde as décadas de 1960 e 1970 (GARCIA, 2001).

Acompanhando a conjuntura internacional nos últimos anos, a indústria calçadista nacional tem passado por um processo de realocação regional e, apesar da presença de empresas calçadistas em quase todos os estados brasileiros, esse movimento ocorreu principalmente, em direção aos estados do Nordeste, mais precisamente Ceará, Bahia e Paraíba. Esse deslocamento para outras localidades, no entanto, não minimiza a importância das regiões produtoras tradicionais, visto que se trata de estratégias das grandes empresas do setor para se manterem competitivas no mercado interno e internacional, aproveitando-se de excedentes de mão-de-obra nos estados de destino, como também do forte incentivo fiscal implementado com a finalidade de atrair empresas para a região.

O movimento de realocação do setor, apesar de bastante significativo nos últimos anos, restringe-se à transferência de funções produtivas mais simples com efeitos modestos em termos de geração de valor, mantendo-se nas filiais de origem, localizadas nas regiões tradicionais, todas as funções superiores, como o gerenciamento, desenvolvimento do produto e design, marketing e comercialização (GARCIA, 2001).

Para entender as conseqüências desse movimento de migração de empresas calçadistas, é importante caracterizar a produção brasileira de calçados e seus mercados consumidores para daí direcionar a análise para os Estados e as principais regiões e municípios com a finalidade de tentar dimensionar se as

estratégias das grandes empresas do setor estabelecem vínculos mais estreitos e duradouros com o tecido industrial local.

A chegada dos primeiros migrantes alemães no Rio Grande do Sul, em junho de 1824, marcou o início do desenvolvimento econômico da indústria brasileira de calçados. Primordialmente instalados no vale dos Sinos⁴, além de atuarem na agricultura e na criação de animais, trouxeram consigo a cultura do artesanato, principalmente nos artigos de couro. Desde a Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, a produção, que era caracterizada pela confecção de arreios de montaria, ganhou força e proporcionou o aparecimento de alguns curtumes, bem como a fabricação de máquinas.

A primeira fábrica de calçados no Brasil surgiu em 1888, no vale dos Sinos, sendo fundada por um filho de migrantes que possuía também um curtume e uma fábrica de arreios. No início da década de 1960, apareceu a necessidade de ampliar a comercialização de calçados para o Exterior, contrapondo-se à exportação de couro salgado. O embarque das sandálias Franciscana, da empresa Strassburguer, para os Estados Unidos, em 1968, foi o marco pioneiro da exportação brasileira em larga escala. Naquela década, a produção nacional de calçados atingiu 80 milhões de pares anuais e, com o surgimento de outros mercados no Exterior, os negócios prosperaram, migrando para outros estados do Brasil.

O Brasil, maior país da América Latina, tem um papel relevante na história do calçado nas últimas quatro décadas e é um dos mais destacados fabricantes de manufaturados de couro. Além disso, o País se apresenta como um dos mais destacados no *ranking* dos produtores mundiais, com uma importante participação na fatia de calçados femininos, que aliam qualidade e preços acessíveis.

Schmitz e Knorringa (2000), por meio de entrevistas realizadas junto a grandes compradores dos Estados Unidos e Reino Unido, investigaram quais os principais determinantes que motivaram as encomendas em quatro países com elevada participação no mercado internacional de calçados, a saber: China, Índia, Brasil e Itália. O objetivo do levantamento era tentar identificar as fragilidades e os pontos fortes dos produtores baseados em um conjunto de sete atributos predefinidos: qualidade dos calçados, preço, tempo de resposta até a entrega do pedido, pontualidade da entrega, flexibilidade no atendimento de pequenos e grandes pedidos e capacidade inovativa de design, com notas que variavam de zero a cinco, dadas a cada um dos atributos (Tabela 1 e Figura 1). Com base nos resultados alcançados, algumas considerações podem ser feitas em relação aos quatro países produtores nos dois importantes mercados escolhidos.

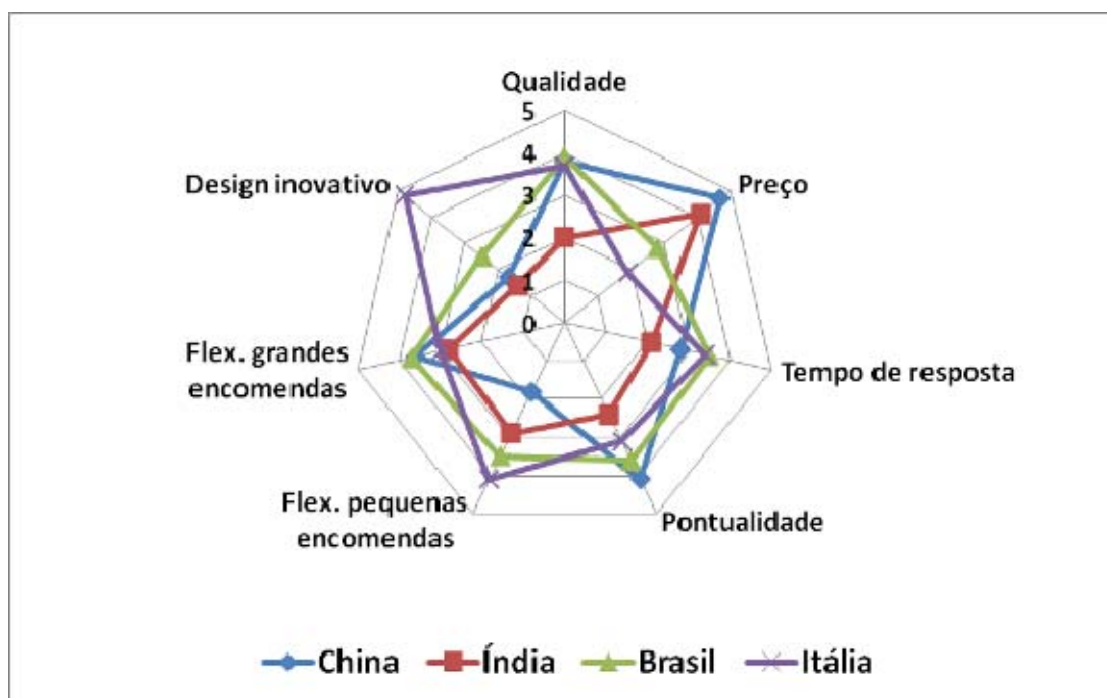
⁴ A aglomeração do vale dos Sinos engloba as microrregiões gaúchas de Porto Alegre, Gramado-Canela, Lajeado-Estrela, Montenegro e São Leopoldo.

Tabela 1 - Avaliação da Performance do Produtor pelos Compradores Internacionais (Escores Médios)

Critérios	China	Índia	Brasil	Itália
Qualidade	3,8	2,0	3,9	3,7
Preço	4,7	4,1	2,8	1,9
Tempo de resposta	2,8	2,1	3,5	3,4
Pontualidade	4,1	2,4	3,6	3,1
Flex. pequenas encomendas	1,8	2,9	3,5	4,1
Flex. grandes encomendas	3,6	2,8	3,7	3,0
Design inovativo	1,7	1,4	2,5	4,8

Fonte: Schimitz, H. e Knorringa, P. (2000). Entrevistas com 12 compradores dos Estados Unidos e da Europa.

Figura 1 - Perfil da Performance dos Países Produtores: China, Índia, Brasil e Itália



Fonte: Schimitz, H. e Knorringa, P. (2000).

Os dois maiores produtores mundiais de calçados, China e Índia, têm como principal atributo apontado pelos grandes compradores mundiais o preço do produto, sendo que, no caso da Índia, este se constitui o único atributo que atrai os compradores àquele país. A China, por outro lado, além do preço, tem como forte atrativo a pontualidade na entrega dos pedidos e a flexibilidade para atender grandes pedidos, o que explica, nos últimos anos, o forte avanço chinês nos principais mercados consumidores internacionais. No entanto, observam-se as baixas performances alcançadas nos itens flexibilidade para atender pequenos pedidos e design inovativo pelos dois países.

O forte da indústria italiana de calçados é o design inovativo, que obteve quase a nota máxima no desempenho atribuído pelos comparadores internacionais (4,8), acompanhado da flexibilidade para atender pequenas encomendas e um expressivo destaque na qualidade dos produtos. Como consequência, o ponto fraco apontado foi justamente o preço do calçado, que obteve o menor desempenho entre os países analisados, pois além da qualidade e “inovatividade” embutidos nos produtos italianos, o preço é um reflexo da especialização da indústria em ditar moda no mercado internacional.

A indústria brasileira encontra-se numa situação bastante peculiar em relação aos outros países analisados, pois atende a uma faixa intermediária no mercado internacional. Alia qualidade com elevada flexibilidade para atender tanto pequenas quanto grandes encomendas, constituindo-se num elemento diferenciador ante os seus concorrentes mais diretos no continente asiático, Índia e China. Conjugando preços não tão elevados quanto o praticado pela indústria italiana, com pontualidade na entrega, parece satisfazer àquele consumidor que procura qualidade a preços relativamente baixos. O item design ainda deixa muito a desejar, não competindo diretamente com os italianos (Tabela 1 e Figura 1).

Diante do exposto, argumenta-se que vantagens as empresas brasileiras produtoras de calçados, em particular, e as empresas localizadas em outros países menos desenvolvidos, de maneira geral, usufruem a partir de suas relações com os mercados distantes, haja vista a notória segmentação do mercado produtor internacional, aliada a um perfeito conhecimento por parte dos compradores das capacidades dos países produtores, que lhes dá grandes margens de manobras na comercialização do produto, como consequência da governança da cadeia produtiva global.

Merece destaque o fato de que a presença de agentes de comércio, representantes do grande capital internacional, pode fomentar processos de aprendizado importantes, especialmente na esfera produtiva, pela presença das firmas calçadistas na cadeia produtiva global do setor, fato evidenciado pela presença mais marcante desses agentes nos países onde as atividades de fabricação de calçados são menos desenvolvidas (SCHMITZ e KNORRINGA, 2000).

Na Tabela 2 estão expostos os maiores países importadores de calçados brasileiros, destacando-se os Estados Unidos, com 22,93% do valor das exportações e 20,28% da quantidade exportada pelo Brasil. Em seguida vêm Reino Unido e Argentina com 12,04% e 10,0% e 11,25% e 9,86%, respectivamente.

Tabela 2 - Indústria Brasileira de Calçados – Exportações por Destino (2010)

Países	Milhões		Países	Milhares de Pares	
	US\$	%		de Pares	%
1º EUA	340,9	22,93	1º EUA	29,0	20,28
2º Reino Unido	179,0	12,04	2º Paraguai	14,3	10,00
3º Argentina	167,3	11,25	3º Argentina	14,1	9,86
4º Itália	102,5	6,89	4º Espanha	9,6	6,71
5º França	59,1	3,97	5º Reino Unido	7,5	5,24
6º Paraguai	46,1	3,10	6º Bolívia	6,1	4,27
7º Espanha	43,6	2,93	7º Itália	4,8	3,36
8º Bolívia	40,6	2,73	8º Austrália	3,8	2,66
9º Alemanha	33,9	2,28	9º México	3,6	2,52
10º Chile	30,1	2,02	10º Colômbia	3,5	2,45
Outros	443,8	29,85	Outros	46,7	32,66
Total	1.486,90	100,00		143,0	100,00

Fonte: MDIC/SECEX.

2. Distribuição Regional da Indústria Brasileira de Calçados

O setor calçadista nacional é composto por aproximadamente 10.351 empresas que geraram 348.691 mil empregos (Tabela 4). Apresentou, em 2010, uma produção de 893,9 milhões de pares/ano, sendo que 84% destinados ao mercado interno e 16% à exportação (Tabela 3). Nas últimas quatro décadas, o Brasil assumiu um importante papel na história do calçado, sendo um dos mais destacados fabricantes de manufaturados de couro. Conforme apurado pela Resenha Estatística da Abicalçados (2009), o Brasil se posiciona como o terceiro maior produtor mundial de calçados, quinto maior mercado consumidor e 6º maior exportador de calçados em termos mundiais.

Tabela 3 – Indústria Brasileira de Calçados em Números – 2010

Discriminação		2010
Produção	Pares (milhão)	893,9
	Valor (milhão US\$)	12.340,40
Exportação	Pares (milhão)	143
	Valor (milhão US\$)	1.486,90
Importação	Pares (milhão)	28,7
	Valor (milhão US\$)	304,60
Consumo Aparente	Pares (milhão)	779,6
Consumo Per Capita	Pares	4,1

Fonte: Brazilian Footwear. IEMI, TEM, MDIC/SECEX, IBGE

Muito embora o Estado do Rio Grande do Sul concentre o maior número de empresas de grande porte e seja o maior empregador nacional do setor, com 118.397 empregados em 2010, a produção calçadista nacional, ao longo dos últimos anos, vem sendo gradativamente distribuída para outros Estados, com

destaque para algumas localidades do interior dos Estados de São Paulo (Franca, Birigui e Jaú), Minas Gerais (região de Nova Serrana), Santa Catarina (região de São João Batista) e alguns estados nordestinos, como Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte e Paraíba (Tabela 4).

Os calçadistas brasileiros detêm atualmente amplas condições de atender à demanda de importadores dos mais diversos perfis. Fazendo da diversificação da produção um fator altamente competitivo, ao que se alia a agilidade na adaptação das mais diferentes coleções, o setor produz todos os tipos de calçados necessários para atender aos mercados interno e externo. Na verdade, a agilidade em obter informações sobre as tendências mundiais, somada à facilidade na aquisição de matérias-primas para desenvolver a modelagem adequada ao mercado comprador e posterior fabricação em série, são permite que o setor atinja compradores em lojas americanas e européias (ABICALÇADOS, 2005).

Tabela 4 - Brasil - Estados Produtores de Calçados, Posição em 31/12/2010

Estados	Empresas	%	Empregos	%	Média Emprego p/Empresa
Rio Grande do Sul	3.827	36,97	118.397	33,95	31
São Paulo	3.087	29,82	56.311	16,15	18
Minas Gerais	1.757	16,97	30.960	8,88	18
Santa Catarina	371	3,58	8.155	2,34	22
Ceará	351	3,39	63.562	18,23	181
Goiás	231	2,23	1.592	0,46	7
Paraná	158	1,53	3.190	0,91	20
Paraíba	133	1,28	13.744	3,94	103
Bahia	133	1,28	39.337	11,28	296
Pernambuco	64	0,62	2.003	0,57	31
Rio de Janeiro	58	0,56	957	0,27	17
Espírito Santo	37	0,36	1.419	0,41	38
Rio Grande do Norte	27	0,26	779	0,22	29
Mato Grosso do Sul	24	0,23	1.569	0,45	65
Mato Grosso	17	0,16	71	0,02	4
Sergipe	16	0,15	5.919	1,70	370
Piauí	15	0,14	92	0,03	6
Distrito Federal	12	0,12	98	0,03	8
Alagoas	9	0,09	129	0,04	14
Maranhão	8	0,08	36	0,01	5
Tocantins	6	0,06	34	0,01	6
Pará	4	0,04	324	0,09	81
Rondonia	3	0,03	0	0,00	0
Amazonas	2	0,02	11	0,00	6
Roraima	1	0,01	2	0,00	2
Total	10.351	100,00	348.691	100,00	34

Fonte: MTE/RAIS.

De acordo com a Tabela 5, que tem como base os dados da RAIS, é possível ter uma idéia da distribuição espacial da cadeia coureiro-calçadista⁵ brasileira entre as diversas Unidades da Federação. O Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2010, foi o maior empregador da cadeia produtiva, com 32,01% do total, seguido pelos Estados de São Paulo (17,30%), Ceará (16,69%) e Bahia (10,11%). Conjuntamente, esses quatro estados respondiam por 76,12% do emprego ao longo da cadeia produtiva.

Outro fato que chama a atenção na Tabela 5 é que os dois principais estados produtores, além de responderem por grande parte do emprego na fabricação de calçados, possuem um contingente considerável nos outros setores ligados à base produtiva, como o setor de curtimento e fabricação de artigos para viagem e de artefatos diversos de couros. Ou seja, nos dois casos analisados, a concentração de empresas produtoras de calçados é acompanhada pela presença de firmas próximas à base produtiva, como fornecedores de matérias-primas para a indústria. O mesmo não acontece com os demais estados produtores, como Ceará e Bahia.

No caso específico dos Estados do Ceará e Bahia, terceiro e quarto maiores produtores de calçados, notam-se a pouca participação de indústrias ligadas à cadeia produtiva, principalmente daquelas vinculadas aos setores de curtimento e fabricação de artefatos de couro, principais fornecedores de matérias-primas relacionadas ao setor calçadista. O emprego gerado na cadeia coureiro-calçadista decorre quase que exclusivamente da fabricação de calçados.

⁵ Garcia (2001, pp. 96 e 97), fazendo referência à divisão 19 (atual 15) da CNAE – Classificação Nacional da Atividade Econômica, acha mais adequado chamar essa divisão de cadeia coureiro-calçadista por envolver não apenas a indústria produtora de calçados, como também outras atividades relacionadas ao setor calçadista. Já o Grupo 193 (atual 153), “fabricação de calçados”, representa a indústria calçadista propriamente dita, englobando seus principais segmentos: calçados de couro, tênis de qualquer material, calçados de plástico e de outros materiais. A divisão 19 também não incorpora informações acerca das indústrias correlatas e de apoio ao setor, pois tais atividades estão classificadas em outros setores, como têxtil, plástico, química e metal-mecânica.

Tabela 5 – Distribuição Espacial do Emprego da Cadeia Coureiro-Calçadista por Grupo de Atividades, Posição em 31/12/2010 (em %)

Estados	GRUPO 151	GRUPO 152	GRUPO 153	TOTAL
Rio Grande do Sul	34,80	20,30	32,82	32,01
São Paulo	17,53	29,60	16,07	17,30
Ceará	5,16	4,03	19,32	16,69
Bahia	3,37	5,75	11,36	10,11
Minas Gerais	6,73	10,58	8,61	8,58
Paraíba	0,35	1,80	4,09	3,54
Santa Catarina	3,22	3,77	2,35	2,55
Paraná	7,06	7,83	0,96	2,11
Sergipe	0,18	0,15	1,82	1,52
Goiás	5,79	3,56	0,43	1,22
Rio de Janeiro	0,04	9,37	0,29	0,99
Mato Grosso do Sul	3,61	0,25	0,48	0,77
Pernambuco	1,15	0,92	0,61	0,69
Mato Grosso	3,63	0,33	0,02	0,40
Espírito Santo	0,32	0,81	0,30	0,35
Pará	2,37	0,13	0,10	0,33
Rio Grande do Norte	0,06	0,15	0,24	0,21
Maranhão	1,58	0,07	0,01	0,17
Rondônia	1,39	0,03	0,00	0,14
Piauí	0,63	0,36	0,03	0,11
Tocantins	0,76	0,04	0,01	0,09
Alagoas	0,01	0,07	0,04	0,04
Acre	0,26	0,00	0,00	0,03
Distrito Federal	0,00	0,05	0,02	0,02
Amazonas	0,01	0,04	0,00	0,01
Roraima	0,00	0,00	0,00	0,00
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Notas:

Grupo 151 - Curtimento e outras preparações de couro.

Grupo 152 - Fabricação de artigos para viagem e de artefatos diversos de couros.

Grupo 153 - Fabricação de calçados.

Fonte: MTE/RAIS.

Para avaliar melhor esse fato observado, é necessário desagregar o segmento que compõe a “fabricação de calçados” propriamente dita, que representa efetivamente, como ressaltado anteriormente, o complexo da indústria calçadista (Grupo 153).

Analisando-se a Tabela 6, que trata da distribuição espacial do emprego na indústria calçadista, percebe-se a grande vocação dos principais estados produtores. No Estado do Rio Grande do Sul a grande participação ocorre na confecção de calçados de couros, responsável por 38,01% do emprego gerado, que corresponde,

em termos absolutos, em 2010, a 84.306 ocupações. Ressalta-se, mais uma vez, a pouca participação do Estado do Ceará na confecção de calçados de couros e a forte vocação para a produção de calçados de plástico à base de injetável, com 21.021 empregos gerados, correspondentes a quase metade do emprego brasileiro nesse segmento (47,91%).

Tabela 6 - Brasil - Distribuição Espacial do Emprego por Classe de Atividades da Indústria Calçadista, Posição em 31/12/2010 (em %)

Estados	CLASSE 15319	CLASSE 15327	CLASSE 15335	CLASSE 15394	TOTAL
Rio Grande do Sul	38,01	30,64	28,01	8,80	32,82
Ceará	15,01	0,11	47,91	10,66	19,32
Sao Paulo	15,27	21,81	16,60	17,95	16,07
Bahia	16,25	0,01	0,67	1,67	11,36
Minas Gerais	4,62	35,18	4,37	29,12	8,61
Paraíba	1,94	10,54	0,41	20,40	4,09
Santa Catarina	3,01	0,09	0,50	2,02	2,35
Sergipe	2,65	0,00	0,05	0,03	1,82
Paraná	1,27	0,18	0,12	0,55	0,96
Pernambuco	0,31	0,00	0,59	2,75	0,61
Mato Grosso do Sul	0,31	1,18	0,42	1,37	0,48
Goiás	0,53	0,00	0,07	0,56	0,43
Espírito Santo	0,20	0,00	0,06	1,45	0,30
Rio de Janeiro	0,32	0,25	0,01	0,50	0,29
Rio Grande do Norte	0,07	0,00	0,04	1,69	0,24
Pará	0,14	0,00	0,02	0,00	0,10
Alagoas	0,01	0,00	0,04	0,25	0,04
Piauí	0,03	0,00	0,02	0,01	0,03
Distrito Federal	0,00	0,00	0,07	0,10	0,02
Mato Grosso	0,03	0,00	0,01	0,02	0,02
Maranhão	0,01	0,00	0,01	0,04	0,01
Tocantins	0,02	0,00	0,00	0,00	0,01
Amazonas	0,00	0,00	0,00	0,02	0,00
Roraima	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00
Rondônia	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Acre	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Amapá	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Notas:

Grupo 15319 - Fabricação de calçados de couro.

Grupo 15327 - Fabricação de tênis de qualquer material.

Grupo 15335 - Fabricação de calçados de plástico.

Grupo 15394 - Fabricação de calçados de outros materiais.

Fonte: MTE/RAIS. Obs.: CNAE 5 dígitos; divisão 19 – Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagens e calçados; grupo 193 – Fabricação de calçados.

Pode-se avaliar ainda na Tabela 7, a importância de cada segmento na geração do emprego na indústria calçadista nos estados de maior peso no setor. De acordo com essa tabela, pode-se verificar que a fabricação de calçados de couro predomina em todos os estados sendo que, com relação ao Ceará, a fabricação de calçados de plástico tem um peso considerável no setor produtivo total do estado (41,02%). Ressalte-se que a predominância na indústria cearense do setor de confecção de calçados à base de plástico, explica a inexistência de encadeamentos produtivos relevantes neste setor com outros elos da cadeia produtiva, como foi observado em relação aos Estados do Rio Grande do Sul e São Paulo, envolvendo assim uma relação mais acentuada com o setor da indústria química.

Tabela 7 - Brasil - Distribuição Espacial do Emprego por Classe de Atividades na Indústria Calçadista por Estados Seleccionados, Posição em 31/12/2010 (em %)

Estados	CLASSE 15319	CLASSE 15327	CLASSE 15335	CLASSE 15394	Total
Bahia	97,40	0,00	0,98	1,62	100,00
Rio Grande do Sul	78,83	4,11	14,12	2,94	100,00
São Paulo	64,68	5,98	17,09	12,26	100,00
Ceará	52,90	0,03	41,02	6,05	100,00
Minas Gerais	36,50	17,99	8,39	37,11	100,00

Notas:

Grupo 15319 - Fabricação de calçados de couro.

Grupo 15327 - Fabricação de tênis de qualquer material.

Grupo 15335 - Fabricação de calçados de plástico.

Grupo 15394 - Fabricação de calçados de outros materiais.

Fonte: MTE/RAIS. Obs.: CNAE 5 dígitos; divisão 15 – Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagens e calçados; grupo 193 – Fabricação de calçados.

3. Principais aglomerações de empresas calçadistas, realocização do setor e a indústria cearense de calçados

Uma característica do setor calçadista brasileiro é a presença de regiões produtoras com aglomerações de empresas especializadas. As principais aglomerações estão situadas nas microrregiões dos Estados de São Paulo (Franca, Birigui e Jaú) e Minas Gerais (Divinópolis), constituindo-se nas maiores empregadoras do setor, com aproximadamente 72,52% da mão-de-obra empregada na indústria de calçados no Brasil, concentrando 3.763 unidades fabris equivalentes a 85,9% das empresas do setor (Tabelas 8 e 9).

Tabela 8 - Brasil - Distribuição Espacial do Emprego na Indústria Calçadista por Grupo de Atividades e Microrregiões, Posição em 31/12/2010 (em %)

Microrregiões	Estado	GRUPO 151	GRUPO 152	GRUPO 153	TOTAL
Franca	SP	45,03	14,54	24,56	24,96
Divinópolis ^(*)	MG	8,92	1,08	19,03	16,97
Birigui	SP	5,20	3,18	17,92	15,96
Jaú	SP	9,89	7,03	11,01	10,62
Cariri	CE	1,59	7,47	9,35	8,74
Fortaleza	CE	8,02	7,34	7,89	7,85
São Paulo	SP	1,47	39,70	3,17	6,04
Caxias do Sul	RS	0,95	11,42	4,38	4,75
Vale dos Sinos	RS	18,93	8,25	2,69	4,11
Total	-	100,00	100,00	100,00	100,00

Notas:

(*) Destaca-se nesta microrregião a cidade de Nova Serrana.

Grupo 151 - Curtimento e outras preparações de couro.

Grupo 152 - Fabricação de artigos para viagem e de artefatos diversos de couros.

Grupo 153 - Fabricação de calçados.

Fonte: MTE/RAIS. Obs.: CNAE 3 dígitos; divisão 15 – Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagens e calçados.

Chama a atenção à perda de representatividade da microrregião do Vale dos Sinos ao longo dos anos. Mas a microrregião se destaca pela densidade e forte encadeamento em todos os elos da cadeia produtiva do segmento, incluindo, além da fabricação de calçados, outros segmentos ligados ao setor, como fabricação de máquinas e equipamentos, fabricação de adesivos e selantes, artefatos de borracha, acessórios do vestuário e embalagens, responsáveis pela forte competitividade dessa aglomeração (GUERRERO, 2004). Em virtude da extensão da estrutura produtiva dessa aglomeração de empresas ultrapassar os limites geográficos da microrregião homogênea e dada sua importância para a indústria calçadista nacional, Schmitz (1995) refere-se a ela como um “supercluster”.

Tabela 9 - Brasil - Distribuição dos Estabelecimentos na Indústria Calçadista por Microrregiões,

Posição em 31/12/2010 (em %)

Microrregiões	Estado	Número de Estabelecimentos	%
Franca	SP	1.800	41,09
Divinópolis	MG	1.053	24,04
Jaú	SP	510	11,64
Birigui	SP	400	9,13
Cariri	CE	178	4,06
São Paulo	SP	130	2,97
Caxias do Sul	RS	113	2,58
Fortaleza	CE	103	2,35
Vale dos Sinos	RS	94	2,15
Total	-	4.381	100,00

Fonte: MTE/RAIS.

Ainda no que diz respeito às microrregiões produtoras de calçados, Franca, Jaú e Fortaleza se destacam pela presença de empresas ligadas à confecção de calçados de couro com 50,26%, 19,46% e 10,38%, respectivamente, do total de empregos gerados em 2010.

As unidades fabris de Birigui, Fortaleza e Cariri⁶, por sua vez, têm na fabricação de calçados a base de plástico sua maior concentração de empresas (31,06% e 21,55% e 13,03% do total, respectivamente), sendo responsáveis, conjuntamente, por 65,64% do total de unidades fabris do segmento (Tabela 10).

Tabela 10 - Brasil - Distribuição Espacial do Emprego por Classe de Atividades da Indústria

Calçadista por Microrregiões, Posição em 31/12/2010 (em %)

Microrregião	CLASSE 15319	CLASSE 15327	CLASSE 15335	CLASSE 15394	TOTAL
Franca	50,26	1,51	3,63	1,81	24,56
Divinópolis	3,50	52,99	9,14	46,80	19,03
Birigui	4,95	32,14	31,06	25,60	17,92
Jaú	19,46	0,04	6,89	2,22	11,01
Cariri	0,69	0,19	21,55	19,39	9,35
Fortaleza	10,38	0,00	13,03	0,88	7,89
Caxias do Sul	1,75	13,01	9,60	0,75	4,38
São Paulo	4,69	0,10	2,79	1,72	3,17
Vale dos Sinos	4,32	0,04	2,30	0,82	2,69
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Notas:

(*) Destaca-se nesta microrregião a cidade de Nova Serrana.

⁶ A microrregião do Cariri cearense é constituída pelas cidades de Crato, Barbalha, Jardim, Nova Olinda, Santana do Cariri, Missão Velha, Araripe e Juazeiro do Norte.

Grupo 15319 - Fabricação de calçados de couro.

Grupo 15327 - Fabricação de tênis de qualquer material.

Grupo 15335 - Fabricação de calçados de plástico.

Grupo 15394 - Fabricação de calçados de outros materiais.

Fonte: MTE/RAIS. Obs.: CNAE 3 dígitos; divisão 15 – Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagens e calçados.

4. Relocalização do Setor e Estratégia Competitiva.

Um aspecto a ser analisado, como consequência do exame dos dados das tabelas precedentes, diz respeito a um dos mais importantes movimentos verificados na indústria brasileira de calçados nos últimos anos, que foi o deslocamento de unidades produtivas de tradicionais regiões produtoras para os estados da região Nordeste do País, especialmente para os Estados do Ceará, Bahia e Paraíba. A Tabela 11 mostra a distribuição regional do emprego no setor calçadista entre 2000 e 2012.

Tabela 11 - Brasil - Distribuição Espacial do Emprego da Indústria Calçadista Conforme Regiões, 2000 – 2005 - 2010 (em %)

Anos	Regiões					Total
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
2000	0,42	6,59	46,69	43,58	2,72	100,00
2005	0,05	27,32	26,86	44,90	0,87	100,00
2010	0,11	36,02	25,71	37,21	0,96	100,00

Fonte: MTE/RAIS.

De acordo com a tabela, a região Sudeste era a principal empregadora da indústria calçadista nacional em 2000, com um percentual de 46,69% do total, seguida da região Sul (43,58%) e da região Nordeste (6,59%). No período de 2000-2010, a região Sul, decresceu sua participação relativa no número de empregos gerados no setor, passando de 43,58% em 2000 para 37,21% em 2012. Seguindo a mesma tendência de queda na participação relativa, a região Sudeste apresentou a maior perda relativa, passando de 46,69% em 2000 para 25,71% em 2010. Por outro lado, a região Nordeste aumentou significativamente sua participação no período considerado passando de 6,59% em 2000 para 36,02% em 2012 (Tabela 11).

Os dados apresentados mostram claramente o processo de realocação do setor, a partir, principalmente, da região Sudeste, sendo o Estado de São Paulo o principal indutor desse movimento. Nota-se ainda que, o mesmo fenômeno parece estar ocorrendo também em relação à região Sul, por causa do crescimento ascendente do percentual na geração de emprego ocorrer até o ano de 2005, decaindo posteriormente.

Segundo Lages (2003), a realocação do setor calçadista para a região Nordeste foi motivada por uma conjunção de fatores de natureza macroeconômica. O primeiro bloco desses fatores foi resultado do

processo de globalização e de integração econômica internacional, bem como de mudanças no ambiente macroeconômico nacional. O segundo fator motivador foi a crise porque passou o Mercosul devido à situação da Argentina, cujo modelo de *currency board* levado a cabo a partir de 1990, conjugado à menor competitividade do setor calçadista, levou o seu mercado doméstico ser invadido por uma importação massiva de calçados provenientes da China e de outros países asiáticos. Esses fatores, explicados a seguir, originaram um conjunto de variáveis favoráveis à realocação parcial e espacial da cadeia couro-calçadista para a região Nordeste.

Nos últimos anos, com a forte concorrência do setor no mercado internacional, imposta principalmente pela China e países localizados no sul da Ásia, a indústria nacional procurou uma maneira de compensar os custos para fazer frente à concorrência externa, principalmente no que diz respeito a calçados de menor valor agregado e de menor qualidade, como o fabricado por esses países, que, além de comercializarem seus produtos no mercado internacional, faziam frente à produção brasileira no mercado interno. A esse respeito, Garcia (2001, p. 102) deixa claro quanto ao destino da produção nordestina de calçados:

É verdade que essas empresas têm buscado no Nordeste estabelecer linhas de produtos complementares às existentes nas regiões tradicionais, em geral por meio da produção de calçados de menor valor agregado. Além do mais, o principal destino dos calçados produzidos na região Nordeste tem sido o mercado interno.

Segundo Costa (2002), a mudança no ambiente competitivo do setor, a partir da década de 1990, com a abertura da economia brasileira, queda de barreiras tarifárias e não tarifárias, bem como a política de estabilização via Plano Real (1994/1996), ancorada em juros elevados e valorização cambial, levaram o setor calçadista a uma profunda crise, com eliminação de postos de trabalho e demanda por proteção.

Prochnik (2006), avaliando a migração da cadeia produtiva brasileira de calçados das regiões Sul e Sudeste em direção à região Nordeste na década de 1990, ressalta alguns fatores que afetaram tanto as exportações de calçados como o desenvolvimento do mercado interno, pressionando as empresas a buscarem melhores condições competitivas. Dentre esses fatores, podem-se destacar no cenário internacional, o crescimento mais lento das importações americanas, principal mercado consumidor de calçados brasileiros e a ampliação da concorrência externa, principalmente dos países do sudeste da Ásia, como Hong-Kong, China e Indonésia, que vêm ganhando participação no mercado externo. Ao mesmo tempo, Brasil, Coreia do Sul e Itália perdem participação no mercado internacional.

Com relação à perda de participação pela Coreia do Sul e Itália, Prochnik (2006, p. 4) foi enfático:

“Nestes dois últimos países, entretanto, muitas empresas instalaram fábricas em países de custos mais baixos, como, respectivamente, China e países do leste europeu. O movimento correspondente, das empresas brasileiras, é a migração para a região Nordeste.”

Por outro lado, Lages (2003) destaca num segundo bloco de fatores, um de natureza fiscal, decorrente, em primeiro lugar, da Lei Complementar no 87/96 (BRASIL, 1996), popularizada como Lei Kandir, que reformulou o ICMS, desarticulando a cadeia produtiva couro-calçado, enfraquecendo a competitividade dos tradicionais distritos industriais produtores, mal localizados diante dos principais mercados internacionais. Em segundo lugar, esse deslocamento também foi estimulado pela política agressiva por parte dos estados nordestinos mediante fortes concessões de incentivos fiscais, particularmente Ceará e Bahia, com o objetivo de atrair empresas calçadistas de outras regiões do País, via recursos da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE ou via renúncia fiscal, além de obras de infra-estrutura nas localidades a serem beneficiadas.

Vale ressaltar, entretanto, que a política de incentivos fiscais promovida por alguns estados nordestinos não constituiu o único fator explicativo da realocação espacial do setor calçadista, como ressaltado anteriormente, visto que, com a generalização dos incentivos, as empresas os colocaram como regra e passaram a adotar variáveis de natureza qualitativa, como infra-estrutura, condições logísticas, disponibilidade de mão-de-obra barata, sindicatos inexistentes ou fracos etc., como incentivadoras para seu descolamento regional.

A esse respeito destaca-se a posição pioneira do Estado do Ceará, servindo, em muitos aspectos, como referencial para os demais estados nordestinos. Paralelamente a uma agressiva política de atração industrial, o Estado promoveu uma bem-sucedida reforma fiscal e encorajou e financiou a descentralização da produção para diversos municípios cearenses, atraindo inclusive empresas tradicionais localizadas no Sudeste do País especializadas em calçados para exportação. Com isto, o Governo do Estado calculou que, recrutando em larga escala empresas exportadoras, não somente teria maior impacto sobre a abertura do mercado exportador local, como também estimularia as empresas de calçados de outras localidades a se realocarem no Ceará (TENDLER, 2000).

O sistema de incentivos fiscais mantido pelo Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI) do Ceará, implementado desde 1979 e sendo objeto de algumas modificações posteriores, visava, fundamentalmente, a promover a atração e a retenção de investimentos industriais em benefício da economia estadual, tendo como função a melhoria do conjunto de vantagens locais de setores e segmentos industriais afetados por algumas insuficiências estruturais, geradas por falhas de mercado e falhas de políticas federais de desenvolvimento regional.

O critério central de enquadramento para cada projeto industrial atraído pelo FDI seguiu um sistema de pontuação previamente definido na proposta original, e serviu para definir os percentuais de benefícios e retornos, assim como o prazo de vigor desses benefícios, obedecendo ao princípio da relação custo-benefício. Desta maneira, o Governo estadual estava disposto a assumir maior custo com os projetos que oferecessem um maior benefício para a economia estadual, na medida em que se estabeleceu um *ranking* da importância destes, assim como na adoção de critérios objetivos de classificação (AMARAL FILHO et alii, 2003).

De acordo com Holanda et alii (2006) e Pontes (2003 e 2005), como principais resultados do mecanismo de incentivo implementado, apresentou-se o crescimento da concentração dos investimentos industriais na Região Metropolitana de Fortaleza e a diversificação da localização dentro desta, contribuindo parcialmente para a descentralização dos investimentos, que era um dos objetivos da política de desenvolvimento do Ceará. Constatou-se, ainda, a pequena contribuição do FDI para a diversificação do setor industrial, visto terem sido atraídas empresas de setores já consolidados no Estado, notadamente os relacionados à indústria química, com 23,24% do investimento total no período entre os anos de 2001 e 2006, alimentos (22,87%), têxtil (18,31%), confecções (15,84%), metal-mecânico (11,58%) e calçados com a sexta colocação (8,15%). É interessante notar que, se for levado em consideração o percentual de empregos totais gerados, o setor calçadista foi o primeiro colocado no mesmo período (26,19%), seguido dos setores de alimentos e confecções, com 21,37% e 21,04%, respectivamente.

Outro aspecto observado como resultado dos incentivos implementados foi o crescimento do investimento de empresas industriais de fora do Ceará, a maioria de médio e grande porte, o que pode ter concorrido para que tenham sido trazidas novas tecnologias de processo e de produção para o Estado, contribuindo, assim, para a modernização das empresas locais.

Segundo Tandler (2000, p. 16), a confiabilidade que as empresas tiveram nas administrações dos governos estaduais nordestinos serviu como atratividade para suas tomadas de decisões de realocação. Nas palavras da autora;

In our conversations with executives about their reasons for locating in a particular state, they often alluded to the degree of “confiabilidade” of the state government. (Not surprisingly, Ceará scored high on this measure). They also said that the package of subsidies and other incentives offered by state government influenced their location decisions less, especially given that all the states offered roughly the same subsidies anyway. When asked what they meant by “confiabilidade”, they spoke of the confidence they had that state government would come through with its commitments.

Uma outra razão para a realocação decorreu dos custos do trabalho, visto que os salários pagos aos trabalhadores da região Nordeste são significativamente mais reduzidos do que as retribuições das regiões tradicionais. De acordo com dados da RAIS para o ano de 2010, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul pagavam os mais altos salários do setor, com 1,91, 1,82 e 1,71 salários mínimos, respectivamente,

contra 1,27 pagos pelos estados de Minas Gerais e Ceará, este último um dos principais beneficiados pela realocação do setor calçadista (Tabela 12). Comparativamente ao salário médio pago pelo maior Estado produtor, este é aproximadamente 1,5 vez maior do que o salário pago no Ceará, o que reforça o argumento de que a redução do custo do trabalho foi forte estímulo para o setor (TENDLER, 2000).

Para reforçar ainda mais o argumento dos baixos salários praticados e os subsídios dados por alguns estados da região nordestina, as empresas atraídas contavam, ainda, em alguns casos, com forte subsídio para instalarem-se em áreas com nenhuma experiência industrial e que detinham uma força de trabalho inábil para trabalhar no setor, pois trabalhavam somente na agricultura. Nesse caso, os estados davam assistência às novas firmas recrutadas, reduzindo o salário real dos trabalhadores indiretamente, bancando o custo da firma específica, treinando novos e inexperientes operários com vistas a trabalharem para as empresas atraídas.

Nota-se aqui uma vantagem regional, associada à abundância de mão-de-obra desprovida, em muitos casos, de opções de sobrevivência. Esse ativo humano, que foi utilizado pelas indústrias nas localidades onde se assentaram, tinha habilidade para o trabalho artesanal, constituindo-se, por outro lado, num dos fatores de aglomeração da produção. Ressalte-se ainda que, dentre os principais critérios de localização usados pelas empresas, está a dispersão da atividade produtiva em várias cidades, como forma de minimizar a pressão sindical por maiores salários.

Tabela 12 - Brasil - Salários Médios Pagos na Indústria Calçadista - Estados Seleccionados, 2010

Estados	Emprego	Remuneração Média	Salários Mínimos
Rio de Janeiro	957	1.828,62	1,91
Santa Catarina	8.155	14.858,95	1,82
Rio Grande do Sul	118.397	202.564,54	1,71
São Paulo	56.311	95.698,67	1,70
Paraíba	13.744	20.675,35	1,50
Pernambuco	2.003	2.993,36	1,49
Rio Grande do Norte	779	1.053,22	1,35
Bahia	39.337	51.623,83	1,31
Minas Gerais	30.960	39.321,96	1,27
Ceará	63.562	80.665,25	1,27
Total	334.205	511.283,75	1,53

Fonte: MTE/RAIS.

Enfatizando os argumentos levantados anteriormente, vale aqui reproduzir parte da pesquisa coordenada por Costa e Fligenspan (1997), que analisou os principais motivos para o deslocamento de unidades de produção do Vale dos Sinos em direção ao Nordeste (Tabela 13). Levando-se em consideração os atributos muito importante e importante, tomados conjuntamente, dentre os incentivos mais expressivos que atraíram as empresas, podem-se destacar: 1) os associados aos incentivos fiscais, menores impostos, crédito e infra-estrutura (terreno, energia, transporte e apoio logístico); 2) menores salários e mão-de-obra

não sindicalizada; 3) melhorar a rentabilidade da empresa; e 4) melhorar as condições de competitividade com os concorrentes asiáticos - todos são fatores que pesaram na decisão de realocação do setor.

Dessa maneira, o motivo citado pelas empresas do Vale dos Sinos para deslocamento para o Nordeste, resultou de um conjunto de incentivos que permitiram a elas a recuperação da sua rentabilidade em face da concorrência externa em nichos de mercado nos quais vinham perdendo competitividade, em decorrência tanto das condições competitivas favoráveis para os competidores externos, como da apreciação cambial desfavorável (COSTA, 2002).

Tabela 13 - Motivos que Estariam Influindo no Deslocamento de Empresas de Calçados para outras Regiões do País, segundo as Médias e Grandes Empresas de Calçados do Vale dos Sinos

Motivos	MI	I	PI	SI	N
• mão-de-obra mais bem qualificada nessas regiões	-	4	1	13	18
• mão-de-obra não sindicalizada nessas regiões	4	13	7	3	27
• salários menores nessas regiões	19	20	2	-	41
• esgotou-se a capacidade de expansão na região do vale do Sinos	-	3	7	8	18
• melhorar as condições de competitividade com concorrentes asiáticos	16	15	2	1	34
• melhorar a rentabilidade da empresa	15	17	-	1	33
• proximidade do mercado consumidor	1	11	5	7	24
• escassez de mão-de-obra no vale do Sinos	-	2	8	8	18
• fornecedores são mais eficientes e confiáveis nos prazos de entrega nessas regiões	-	1	3	14	18
• essas regiões oferecem melhores condições através de:					
- impostos menores	25	13	-	-	38
- incentivos fiscais	25	16	-	-	41
- terreno mais barato	16	14	3	-	33
- energia mais barata	10	4	4	1	19
- transporte mais barato	6	8	2	1	17
- apoio logístico governamental (feiras etc.)	6	7	6	1	20
- crédito mais fácil e barato	13	16	-	-	29
Total das empresas da pesquisa: 42					

Notas: MI = muito importante; I = importante; PI = pouco importante; SI = sem importância; N = número de respondentes.

Fonte: NETIT/UFRGS. In: Costa e Fligenspan (1997).

Prochnik (2006, p. 9), analisando também as particularidades do movimento de migração da indústria de calçados e a sua organização para o Nordeste brasileiro, em entrevistas realizadas junto a empresários, confirmou a relevância da migração:

Elas declararam que, no futuro, o Nordeste pode ser o pólo de calçados vital para o país enfrentar a concorrência externa. As empresas instalaram, ou estão em vias de instalar, unidades produtivas no Nordeste, com o intuito de se valerem do menor custo da mão-de-obra, fazerem uso dos incentivos fiscais e aproveitarem a menor distância entre o Nordeste e os mercados norte-americanos e europeus, no caso das empresas que também, ou exclusivamente, exportam.

De acordo com a citação anterior, e ainda conforme Lages (2003) pode-se mencionar ainda o terceiro bloco de fatores, esse de natureza regional, que explica e complementa os motivos da realocação de empresas calçadistas para o Nordeste. Neste caso, destaca-se a proximidade do Nordeste brasileiro aos principais mercados internacionais, Nafta e União Européia.

Segundo Garcia (2001), apesar da perda gradativa na participação na produção e emprego no setor por parte das regiões Sul e Sudeste, principalmente esta última, e da realocação industrial para a região nordestina, as regiões tradicionais mantêm ainda elevada importância em relação ao setor calçadista nacional, pois transferiram apenas parte do processo de fabricação, mantendo ainda atividades ligadas ao processo produtivo, como a concepção e design dos calçados e o desenvolvimento do produto, permanecendo, portanto, o locus da acumulação industrial nas regiões produtoras tradicionais. Essa observação decorre do fato de que parte das empresas que migraram para o Nordeste era constituída por grandes empresas integradas verticalmente, menos dependentes da eficiência coletiva gerada com base em um agrupamento local incipiente ou inexistente.

De acordo com as análises precedentes, nota-se a grande importância que o Estado do Ceará teve para o setor calçadista, principalmente em termos de realocação, constituindo-se no estado preferencial, entre os estados nordestinos, para investimento das empresas advindas das regiões Sul e Sudeste do País.

Dentre os estados nordestinos mais beneficiados pelo processo de realocação do setor, como ressaltado anteriormente, destacam-se Ceará, Bahia e Paraíba. De acordo com dados da RAIS, o Ceará foi o que apresentou maior crescimento, passando de 22,07% do total da mão-de-obra empregada no setor, no ano de 1985, para 50,61% em 2010. Em termos de números de indústrias instaladas, passou de 33,83% (68 indústrias) para 46,43% (351 indústrias), respectivamente (Tabela 14).

Ressalte-se a perda gradual experimentada pelo Estado de Pernambuco ao longo dos anos, tanto em termos do número de empregos gerados como no número de indústrias instaladas, evidenciando que, assim como no plano nacional, ocorreu um processo de realocação no plano regional em razão da forte “guerra” por incentivos fiscais oferecidos pelos estados nordestinos tendo à frente o estado do Ceará.

Tabela 14 - Região Nordeste - Distribuição Espacial do Emprego e do Número de

Indústrias do Setor Calçadista, por Estados, 1985 – 2010 (em %)

Estados	Número de Empregos					
	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Ceará	22,07	20,91	43,80	56,50	54,26	50,61
Bahia	9,27	4,26	1,58	17,29	28,15	31,32
Paraíba	11,63	23,42	39,29	17,31	10,37	10,94
Sergipe	0,58	5,56	5,13	1,58	2,58	4,71
Pernambuco	52,18	41,84	8,44	4,16	2,18	1,59
Rio Grande do Norte	3,51	3,04	1,13	2,83	2,25	0,62
Alagoas	0,50	0,37	0,41	0,19	0,13	0,10
Piauí	0,20	0,60	0,19	0,11	0,06	0,07
Maranhão	0,06	0,00	0,03	0,03	0,02	0,03
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Estados	Número de Estabelecimentos					
	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Ceará	33,83	32,06	33,87	40,42	41,87	46,43
Paraíba	13,43	15,00	23,90	22,40	19,70	17,59
Bahia	17,41	21,47	16,33	19,17	17,99	17,59
Pernambuco	20,90	19,12	14,74	7,85	8,33	8,47
Rio Grande do Norte	7,96	3,82	3,59	4,62	5,11	3,57
Sergipe	2,49	4,41	2,79	1,85	2,84	2,12
Piauí	1,99	2,06	1,59	2,08	1,89	1,98
Alagoas	1,49	2,06	1,99	1,15	1,70	1,19
Maranhão	0,50	0,00	1,20	0,46	0,57	1,06
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: MTE/RAIS.

Analisando-se a evolução do número de empregos na indústria calçadista cearense, este variou 4.068% no período de 1990 a 2005, passando de 1.525 empregos gerados em 1990 para 63.562 em 2010 (Tabela 15). Saliente-se ainda que, à medida que a indústria se fortalecia, o salário pago ao trabalhador do setor crescia ao longo do tempo. No ano de 1995, o salário pago era de 2,0 salários mínimos, caindo para 1,27 no ano de 2010. Em termos reais, a preços de dezembro de 2010, esses salários equivaliam a, respectivamente, R\$ 525,29 e R\$ 647,70 (Tabela 16).

Tabela 15 - Ceará - Número de Empregos na Indústria Calçadista, 1990 – 2005 - 2010 (em %).

Anos	Empregos Gerados
1990	1.525
1991	1.764
1992	2.227
1993	3.513
1994	5.081
1995	6.339
1996	9.968
1997	14.449
1998	20.243
1999	22.880
2000	27.287
2001	27.353
2002	36.770
2003	41.454
2004	45.982
2005	44.268
2010	63.562

Fonte: MTE/RAIS.

Tabela 16 - Ceará - Salários Pagos na Indústria Calçadista, 1995 – 2005 - 2010 (em %)

Anos	Salários Mínimos
1995	2,00
1996	2,10
1997	1,92
1998	1,90
1999	1,84
2000	1,76
2001	1,66
2002	1,62
2003	1,60
2004	1,59
2005	1,49
2010	1,27

Fonte: MTE/RAIS.

No que diz respeito especificamente às microrregiões do estado do Ceará, o Cariri é um dos grandes destaques em termos de número de estabelecimentos e em empregos gerados no setor calçadista.

De acordo com a Tabela 17, a microrregião de Fortaleza⁷ foi a maior empregadora do setor calçadista, com 20.599 empregos gerados em 2010 (32,41% do total), sendo que, em relação ao número de empresas, responde por 29,91% do total, equivalente a 105 empresas. O Cariri⁸, no mesmo ano, é responsável pela geração de 8.304 empregos no setor (13,06% do total), no entanto, é a microrregião com o maior número de empresas calçadistas (50,71% do total), equivalente a 178 empresas. Saliente-se que o Município de Juazeiro do Norte, embora seja o terceiro colocado no Estado em relação ao número de empregos gerados, é o primeiro situado em relação ao número de empresas, constituindo-se no único arranjo calçadista do Ceará.

Observa-se que, muito embora haja municípios mais empregadores na indústria de calçados do que Juazeiro do Norte, estes possuem poucas empresas instaladas, apesar da política de incentivos fiscais praticada pelo Estado, visando à desconcentração do setor para o interior do Estado. Saliente-se que existe ainda um movimento independente de realocização do setor, motivado pela pretensão de alguns empresários de uma melhor posição estratégica de seus negócios, aliado ainda a uma demanda de mão-de-obra mais especializada, como é o caso da cidade de Juazeiro do Norte.

⁷ A microrregião de Fortaleza, de acordo com o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE, é composta dos seguintes municípios: Aquiraz, Caucaia, Eusébio, Fortaleza, Guaiúba, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacatuba, Pacajus, Horizonte, Chorozinho e São Gonçalo do Amarante.

⁸ A microrregião do Cariri de acordo com o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE, é composta dos seguintes municípios: Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda, Porteiras e Santana do Cariri.

Tabela 17 - Ceará - Números de Empregos e de Empresas na Indústria Calçadista, Posição em 31/12/2010

(em %)

Municípios	Emprego	%	Empresas	%
Sobral	19.247	30,28	2	0,57
Horizonte	13.861	21,81	2	0,57
Juazeiro do Norte	4.949	7,79	156	44,44
Russas	3.884	6,11	4	1,14
Fortaleza	3.586	5,64	98	27,92
Maranguape	3.151	4,96	4	1,14
Crato	2.688	4,23	11	3,13
Itapajé	2.120	3,34	14	3,99
Itapipoca	1.900	2,99	2	0,57
Iguatú	1.682	2,65	1	0,28
Uruburetama	1.185	1,86	3	0,85
Senador Pompeu	784	1,23	2	0,57
Camocim	702	1,10	5	1,42
Pentecoste	683	1,07	7	1,99
Barbalha	667	1,05	11	3,13
Quixadá	613	0,96	2	0,57
Santa Quitéria	592	0,93	3	0,85
Aracati	366	0,58	2	0,57
Irauçuba	356	0,56	2	0,57
Quixeramobim	202	0,32	2	0,57
Canindé	113	0,18	4	1,14
Caridade	44	0,07	1	0,28
Boa Viagem	33	0,05	3	0,85
Tianguá	33	0,05	1	0,28
Morada Nova	32	0,05	1	0,28
Sao Luis do Curu	32	0,05	1	0,28
Guaraciaba do Norte	27	0,04	1	0,28
Barreira	22	0,03	2	0,57
Cratú	4	0,01	1	0,28
Sao Benedito	2	0,00	1	0,28
Eusébio	1	0,00	1	0,28
Jaguaruana	1	0,00	1	0,28
Total	63.562	100,00	351	100,00

Fonte: MTE/RAIS.

A Tabela 18 apresenta a distribuição espacial do emprego na indústria calçadista, por classes de atividades. Pode-se perceber a grande vocação dos principais municípios produtores cearenses. Sobral tem na fabricação de calçados de plástico o grande propulsor da indústria calçadista local, em razão, principalmente, da fábrica da Grendene, maior empregadora do Estado. Nota-se, ainda, que a geração de empregos do setor calçadista cearense está assentado na produção de calçados de plástico e de outros materiais como PVC⁹ e TR¹⁰, borracha de EVA¹¹ e PU¹². Ainda de acordo com a tabela 20, o Município de Juazeiro do Norte destaca-se como o primeiro produtor de calçados de outros materiais (78,93%).

⁹ Policloreto de vinila.¹⁰ Borracha termoplástica.

Tabela 18 - Ceará - Distribuição Espacial do Emprego por Classe de Atividades da Indústria Calçadista por Municípios, Posição em 31/12/2010 (em %)

Municípios	CLASSE 15319	CLASSE 15327	CLASSE 15335	CLASSE 15394	TOTAL
Sobral	0,00	0,00	74,53	0,00	30,57
Horizonte	41,58	0,00	0,06	0,00	22,02
Juazeiro do Norte	0,60	0,00	5,46	78,93	7,34
Russas	11,65	0,00	0,00	0,00	6,16
Fortaleza	2,81	0,00	9,57	4,25	5,67
Maranguape	9,46	0,00	0,00	0,00	5,01
Crato	0,21	0,00	9,96	1,15	4,27
Itapage	6,37	0,00	0,00	0,00	3,37
Itapipoca	5,71	0,00	0,00	0,00	3,02
Iguatu	5,05	0,00	0,00	0,00	2,67
Uruburetama	3,56	0,00	0,00	0,00	1,88
Senador Pompeu	2,30	0,00	0,00	0,00	1,22
Camocim	2,11	0,00	0,00	0,00	1,12
Barbalha	0,00	100,00	0,40	14,35	1,06
Pentecoste	1,96	0,00	0,00	0,00	1,04
Quixada	1,84	0,00	0,00	0,00	0,97
Santa Quitéria	1,68	0,00	0,00	0,00	0,89
Aracati	1,10	0,00	0,00	0,00	0,58
Iraucuba	1,07	0,00	0,00	0,00	0,57
Quixeramobim	0,61	0,00	0,00	0,00	0,32
Boa Viagem	0,09	0,00	0,01	0,00	0,05
Tiangua	0,10	0,00	0,00	0,00	0,05
Morada Nova	0,10	0,00	0,00	0,00	0,05
Guaraciaba do Norte	0,00	0,00	0,00	0,71	0,04
Barreira	0,01	0,00	0,00	0,52	0,03
Caninde	0,04	0,00	0,00	0,00	0,02
Crateus	0,01	0,00	0,00	0,00	0,01
Sao Benedito	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00
Eusebio	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00
Jaguaruana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Notas:

Grupo 15319 - Fabricação de calçados de couro.

Grupo 15327 - Fabricação de tênis de qualquer material.

Grupo 15335 - Fabricação de calçados de plástico.

Grupo 15394 - Fabricação de calçados de outros materiais.

Fonte: MTE/RAIS. Obs.: CNAE 5 dígitos; divisão 15 – Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagens e calçados; grupo 153 – Fabricação de calçados.

¹¹ Copolímero de etileno e vinil acetato.

¹² Poliuretano.

Analisando-se a pauta de exportações cearenses nota-se o grande salto quantitativo em termos de valor exportado. Em 1990, os produtos que mais contribuíram para o valor das exportações foram amêndoa de castanha-de-caju (35,94% do total), lagosta (17,02%), couros e peles (7,19%) e cera vegetal (6,48%), sendo que o setor de calçados ficava com somente 0,52% do total exportado. Já em 2010, ou seja, vinte anos depois, o setor calçadista foi o que mais contribuiu para a pauta de exportações do Estado, com 31,78% do total, deixando para trás tradicionais produtos que historicamente contribuíam mais para a receita do comércio exterior estadual (Tabelas 19 e 20).

Tabela 19 - Ceará - Valor das Exportações por Grupo de Produtos Seleccionados – 1990 – 2010^(*)

Produtos	1990	%	2000	%	2005	%	2010	%
Calçados e partes	1.186.914	0,52	71.137.393	14,37	205.201.999	21,82	403.466.381	31,78
Castanha-de-Cajú	82.747.929	35,94	137.479.200	27,77	136.506.184	14,52	182.015.701	14,34
Couros e peles	16.560.136	7,19	50.147.002	10,13	117.109.354	12,45	165.874.620	13,07
Têxteis	7.163.563	3,11	57.295.400	11,57	122.682.181	13,05	70.676.802	5,57
Lagosta	39.196.391	17,02	35.433.647	7,16	44.222.003	4,70	59.607.073	4,70
Cera Vegetal	14.927.844	6,48	19.560.615	3,95	21.284.599	2,26	43.629.881	3,44
Demais produtos	59.479.946	25,83	98.987.598	19,99	205.549.251	21,86	344.228.093	27,12
Total do Ceará	230.251.360	100,00	495.097.834	100,00	940.389.162	100,00	1.269.498.551	100,00

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: IPECE.

(*) Valor em US\$ 1,00/FOB.

Tabela 20: Principais Produtos Exportados – Ceará - 2010-2011^(*)

Principais Produtos Exportados	2010	Part %	2011	Part %	2011/2010 Var (%)
1. Calçados e Partes	403.466.381	31,78	365.963.180	26,08	-9,30
2. Couros e Peles	165.874.620	13,07	185.746.047	13,24	11,98
3. Castanha de caju	182.015.701	14,34	176.049.720	12,55	-3,28
4. Frutas (Exclusive castanha de caju)	99.538.394	7,84	102.590.822	7,31	3,07
5. Têxteis	70.676.802	5,57	86.936.455	6,20	23,01
6. Óleos brutos de petróleo e lubrificantes	1.900.122	0,15	83.435.347	5,95	4.291,05
7. Alimentícias Diversas	47.021.661	3,70	69.553.214	4,96	47,92
8. Ceras vegetais	43.629.881	3,44	58.215.910	4,15	33,43
9. Produtos Metalúrgicos	35.173.354	2,77	51.201.472	3,65	45,57
10. Lagostas	59.607.073	4,70	50.109.672	3,57	-15,93
11. Consumo de Bordo	46.292.420	3,65	39.164.663	2,79	-15,40
12. Máquinas, equip., apar. e mat. eletrônicos	25.889.093	2,04	21.855.262	1,56	-15,58
13. Minérios de ferro	3.493.838	0,28	20.384.706	1,45	483,45
14. Outros sucos e extratos vegetais	8.678.775	0,68	13.834.155	0,99	59,40
15. Mel natural	9.721.535	0,77	12.778.933	0,91	31,45
Ceará	1.269.498.551	100,00	1.403.295.759	100,00	10,54

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: IPECE.

(*) Valores em US\$ 1,00/FOB

Pelos dados apresentados, nota-se que a indústria de calçados das principais regiões produtoras do País, Sul e Sudeste, acompanhando o movimento internacional na busca por menores custos de produção para fazer frente à concorrência internacional, deslocou para o Nordeste suas linhas de produção. Dentre os principais estados beneficiados por esta realocação do setor destaca-se o Ceará, que foi objeto de forte mudança na sua pauta de exportação desde os anos de 1990.

5. Notas conclusivas

A indústria calçadista é uma atividade caracterizada pela utilização intensiva de mão-de-obra em seu processo de fabricação, compreendendo empresas com variados níveis de capacitação e eficiência, com nichos de produção pulverizados mundialmente e ocupando diversos segmentos de mercado. Nos últimos quarenta anos foi alvo de grandes deslocamentos em virtude do fácil acesso à tecnologia e quase inexistência de barreiras à entrada de empresas, o que facilitou a sua dispersão pelas mais variadas regiões e países, constituindo-se, sua manufatura, num ramo tradicional da produção industrial.

Com uma cadeia produtiva global comandada pelos compradores, os ganhos nesse tipo de cadeia permitem aos varejistas, negociantes e produtores detentores de marca agirem como agentes estratégicos internacionais que se apropriam de nichos de produção no mercado de consumo final, mediante uma combinação única de investimento em pesquisa, design, vendas, marketing e serviços financeiros, ao invés de ganhos derivados da escala de produção, volume e no uso de tecnologias avançadas por parte dos produtores.

A entrada, na década de 1980, de novos concorrentes no mercado internacional, baseados na farta disponibilidade de mão-de-obra e baixos salários, como Índia, Indonésia, Tailândia, Malásia e, principalmente, China, fez com que os tradicionais produtores localizados em países desenvolvidos mudassem sua estratégia, deslocando sua produção ou subcontratando em países menos desenvolvidos diversas fases de produção, com o objetivo de reduzir custos via utilização de mão-de-obra barata. Desta maneira, tornou-se possível a descentralização de operações com a detenção apenas de funções corporativas superiores, com a conseqüente apropriação de montantes mais expressivos do valor gerado nos processos de produção e comercialização das mercadorias, o que permitiu que as empresas continuassem a exercer o papel de coordenadoras ou gerenciadoras da cadeia de suprimentos da qual fazem parte.

Em movimento semelhante, mas este de cunho interno, tradicionais empresas do setor calçadista brasileiro, localizadas, em sua maioria, nas regiões Sudeste e Sul do País, com o intuito de manterem-se competitivas no mercado interno e internacional e fazer frente aos grandes produtores mundiais, viram-se

forçadas a realocar sua produção para regiões que permitissem reduzir seus custos de produção. Este movimento deu-se principalmente em direção aos estados do Nordeste, mais precisamente Ceará, Bahia e Paraíba, aproveitando-se de excedentes de mão-de-obra barata e desorganizada nos estados de destino, como também do forte incentivo fiscal, implementado com a finalidade de atrair empresas para a região.

Esse deslocamento para outras localidades, no entanto, não minimizou a importância das regiões produtoras tradicionais, visto que consistia de estratégias das grandes empresas do setor para se manterem competitivas no mercado interno e internacional.

De acordo com o exposto anteriormente, nota-se a grande importância que o Estado do Ceará teve para o setor calçadista, principalmente em termos de realocação, constituindo-se no estado preferencial, entre as Unidades de Federação nordestinas, para investimento das empresas advindas das regiões Sul e Sudeste do País. No que diz respeito especificamente às microrregiões do Estado do Ceará, o Cariri é o maior destaque em termos de número de estabelecimentos e em empregos gerados no setor calçadista. Saliente-se que o Município de Juazeiro do Norte, embora seja o terceiro colocado no Estado em relação ao número de empregos gerados, é o primeiro colocado em relação ao número de empresas locais, constituindo-se no maior arranjo calçadista do Estado especializado em calçados confeccionados com base em material sintético.

BIBLIOGRAFIA

ABICALÇADOS (2005 e 2009). **Resenha Estatística**.

AMARAL FILHO, J. do et alli. (2003). **Identificação de Arranjos Produtivos Locais no Ceará**. In: Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local. Organizadores: Helena Maria Martins Lastres, José Eduardo Cassiolato, Maria Lucia Maciel. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UFRJ, Instituto de Economia.

ANDRADE, JOSÉ EDUARDO PESSOA DE; CORRÊA, ABIDACK RAPOSO. (2001). **Panorama da Indústria Mundial de Calçados, com ênfase na América Latina**. Rio de Janeiro: BNDES Setorial, março.

COSTA, ACHYLES B. DA. (1993). **Competitividade da indústria de calçados. Nota Técnica Setorial do Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**. Campinas: IEIUFRRJ/IE-UNICAMP/FDC/FUNCEX.

_____ ; FLIGENSPAN, FLÁVIO B. (1997). **Avaliação do movimento de realocização industrial de empresas de calçados do Vale dos Sinos**. Porto Alegre: SEBRAE-RS/NETIT-UFRGS, 132 p.

_____ ; (2002). **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio**. Nota Técnica Final. Campinas: UNICAMP/IE/NEIT, dez.

COSTA, ODORICO DE MORAES ELOY DA (2007). **O Arranjo Produtivo de Calçados em Juazeiro do Norte: Um Estudo de Caso para o Estado do Ceará**. Rio de Janeiro, Instituto de Economia/UFRJ. Tese de Doutorado.

GARCIA, RENATO. (2001). **Vantagens Competitivas de Empresas em Aglomerações Industriais: Um Estudo Aplicado à Indústria Brasileira de Calçados e sua Inserção nas Cadeias Produtivas Globais**. Campinas, IE/UNICAMP. Tese de Doutorado.

GUERRERO, G. A. (2004). **Avaliação da dinâmica dos processos inovativos das micro e pequenas empresas do arranjo produtivo calçadista de Birigui – SP**. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado.

HOLANDA, C. M.; VIANNA, P. J. R.; PONTES, P. A. (2006). **A política de atração de investimentos industriais do Ceará: Uma análise do período de 1995 – 2005**. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). Texto para discussão nº 26.

LAGES, A. M. G. (2003). **A Relocalização Espacial da Indústria de Calçados de Couro Brasileira na Década de 90: Aspectos Teóricos e Empíricos**. Rio de Janeiro, 164 p. Tese de Doutorado – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PONTES, PAULO ARAÚJO (2003). **Política industrial no Estado do Ceará: Uma análise do FDI – PROVIN, 1979 – 2002**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Ceará – CAEN/UFC.

_____ (2005). **Análise da política de incentivo ao desenvolvimento industrial do Estado do Ceará no período 2001- 2004**. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). Nota Técnica nº 12.

PROCHNIK, VICTOR; UNE, MAURÍCIO YOSHINORI. (2006). **A Migração da Cadeia Produtiva de Calçados para a Região Nordeste do Brasil**. Banco do Nordeste, 17 p.

SCHMITZ, HUBERT. (1995). **Small shoemakers and Fordist giants: tale of a supercluster**. World Development, v. 23, nº 1.

SCHMITZ, HUBERT; KNORRINGA, P. (2000). **Learning from Global Buyers**. In: Globalisation and Trade. Implications for Exports from Marginalised Economies. The Journal of Development Studies, v. 37, nº 2.

TENDLER, JUDITH. (2000). **The Economic Wars Between the States**. Department of Urban Studies and Planning Massachusetts Institute of Technology. MIT/Bank of the Northeast.